



---

## **FAKE NEWS E OS VÍCIOS EPISTÊMICOS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA SOCIEDADE DA IGNORÂNCIA**

---

### **FAKE NEWS AND EPISTEMIC VICES: EDUCATIONAL CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN THE SOCIETY OF IGNORANCE**

---

### **FAKE NEWS Y VICIOS EPISTÉMICOS: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS EN LA SOCIEDAD DE LA IGNORANCIA**

---

Luiz Guilherme Lucho de Araujo<sup>1</sup>  
Marcelo Leandro Eichler<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Pensar estratégias para o bem ensinar na atualidade não é uma tarefa fácil. Por mais que há muito tempo se lide com a manipulação de informações, nunca na história se teve uma disseminação tão grande de notícias falsas (ou mentirosas) e teorias da conspiração que criam obstáculos à aprendizagem escolar. Nesse sentido, os vícios epistêmicos têm um papel central, tanto na elaboração quanto na difusão dessas “notícias” ou “teorias” que, seja por maldade ou ingenuidade, desenvolvem a atitude de indiferença epistêmica em diferentes sujeitos, em diversos espaços da sociedade. Uma vez que a cibercultura faz parte do espaço escolar e o estudante é um reflexo do que se vê na sociedade, os professores enfrentam diariamente na escola a disputa com as redes sociais e os milhares de *Fake News* às quais os estudantes têm acesso. Apesar de tratarmos muitas vezes sobre a sociedade da informação, a situação atual nos obriga a lidar com o que podemos chamar de Sociedade da Ignorância. Dessa forma, neste artigo, apresentamos uma pesquisa bibliográfica visando propiciar reflexões epistemológicas e evidenciar o papel dos vícios epistêmicos como geradores de obstáculos para a aprendizagem e para o ensino. Encontramos, sobretudo no contexto pandêmico, uma relação direta entre a indiferença epistêmica e a não aceitação de conhecimentos científicos, o que gera por consequência um obstáculo no processo de aprendizado escolar. Um resultado significativo foi perceber que professores, pesquisadores brasileiros e documentos curriculares oficiais (como a BNCC) já possuem estratégias pensadas para enfrentar esses problemas, ainda que o caminho seja longo e árduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fake News. Indiferença Epistêmica. Sociedade da Ignorância. Educação.

#### **ABSTRACT**

Thinking about strategies for good teaching today is not an easy task, as much as we have been dealing with the manipulation of information for a long time, never in history has there been such a large spread of dubious news and conspiracy theories that create obstacles to learning. Epistemic vices play a central role both in the elaboration and in the dissemination of these theories, whether out of malice or naivety, they develop the attitude of epistemic insouciance in various spaces of society. At school, teachers face daily disputes with social networks and the thousands of Fake News to which students have access, since cyberculture invades the school space and the student is a reflection of what is seen in society. Although we often debate about the information society, the current situation forces us to deal with the society of ignorance and that is what we will address here. To this end, the work was carried out through a bibliographical research, in which we collected data from reality to present

---

**Submetido em:** 15/06/2022 – **Aceito em:** 21/09/2022 – **Publicado em:** 14/03/2023

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0395-2029> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5035765337862325>

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia do Desenvolvimento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5650-9218> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2483458145895884>



reflections and highlight the role of epistemic vices as generators of obstructions to teaching. Above all, in the pandemic context, we found a direct relationship between epistemic insouciance and the non-acceptance of scientific knowledge, which consequently generates an obstruction in the school learning process. A significant result was to see that Brazilian teachers, researchers and the BNCC itself already have strategies designed to face these problems, even though the path is still long and arduous.

**KEYWORDS.** Fake News; Epistemic Insouciance. Society of ignorance. Education.

## RESUMEN

Pensar en estrategias para aprender hoy en día no es tarea fácil, por mucho que lo sea la manipulación de la información, nunca en la historia ha habido tanta difusión de noticias y teorías conspirativas que crean obstáculos para el aprendiz. Los vicios epistémicos juegan un papel central tanto en la elaboración como en la difusión de estas teorías equivocadas o ingenuas, desarrollando una actitud de descuido epistémico en diferentes espacios de la sociedad. En la escuela, los docentes se enfrentan a diario a disputas con las redes sociales y miles de Fake News a las que tienen acceso los alumnos, ya que la cibercultura invade el espacio escolar y los alumnos son un reflejo de lo que se ve en la sociedad. Aunque a menudo tratamos con la sociedad de la información, la situación actual nos obliga a tratar con la sociedad de la ignorancia y de eso trataremos aquí. Para ello, el trabajo se realizó a través de una investigación bibliográfica, donde recogimos datos de la realidad para presentar reflexiones y mostrar el papel de dos vicios epistémicos como generadores de obstrucciones a la docencia. Sobre todo, en el contexto de la pandemia, encontramos una relación directa entre el descuido epistémico y la falta de conocimiento científico, o que en consecuencia genera un entorpecimiento en el proceso de aprendizaje escolar. Un resultado significativo fue ver que profesores, investigadores brasileños y el propio BNCC tienen estrategias diseñadas para enfrentar estos problemas, aunque el camino sea largo y arduo.

**PALABRAS CLAVE:** Fake News. Descuido Epistémico. Sociedad de la ignorancia. Educación.

## INTRODUÇÃO

### *Breve descrição do percurso metodológico*

Para analisar a situação complexa da educação básica diante do contexto atual, partiremos do que Cassam (2018; 2019 e 2021) realiza em seus trabalhos, iniciando pelos fenômenos para analisar e refletir sobre a realidade. O autor utiliza dos fatos na política para ponderar as causas dos problemas referentes a aceitação e compreensão de conhecimentos científicos, para tanto, utilizaremos a estratégia do autor para identificar a manifestação da indiferença epistêmica na escola (CASSAM, 2018) e avaliar o quanto isso pode potencializar os desafios no processo ensino e aprendizagem, sobretudo na educação básica.

Será realizado, portanto, um estudo de caso (YIN, 2003) identificando como a relação dos estudantes e as *Fake News* tem aparecido nas escolas e na sociedade. Para tal iremos refletir e inferir sobre as situações analisadas, conforme caracteriza Gray (2014) parte integrante do estudo de caso é possibilitar novas reflexões e discussões acerca dos casos analisados. Por fim,



através de uma análise qualitativa (GRAY, 2014), apresentaremos um panorama geral dos casos selecionados para discussão e possibilidades de ação diante dos fatos, investigando também o que documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular expõe de orientação.

### *Sobre os impactos da indiferença epistêmica na Sociedade da Ignorância*

Antes de tratarmos diretamente sobre os casos no contexto da educação básica, precisamos dialogar com a indiferença epistêmica e sua manifestação na sociedade em outros espaços, pois não podemos pensar a escola desconectada de um contexto social maior (VEIGA, 2004). Atualmente, as investigações a respeito da indiferença epistêmica estão mais focadas em tentar entender a negação ao conhecimento produzido anteriormente, pois sofremos consequências graves, como o exemplo na pandemia da Covid-19 que se apresenta a partir de 2020, onde identificamos a não aceitação dos protocolos (DE ARAÚJO CRUZ e EICHLER, 2022). Para além, ainda lidamos com um crescimento do retorno a conspirações e teorias negacionistas, impulsionadas pelas *Fake News* e sua alta taxa de compartilhamento e engajamento nos últimos tempos (CARVALHO, 2021).

Cassam (2018) descreve a negação aos conhecimentos desenvolvidos anteriormente, relatando o papel dos vícios epistêmicos nesse processo, sobretudo no período da pós-verdade, onde as *Fake News* imperam e a produção de desconhecimento se torna mais comum do que a busca e investigação da realidade (CARDOSO e ANJOS, 2021). Os vícios epistêmicos têm um enorme potencial negativo em nossa sociedade, como comenta Salatiel (2020) são falhas ou defeitos que impactam negativamente a obtenção, elaboração, manutenção e transmissão do conhecimento humano. Seguindo o exemplo já citado anteriormente, a pandemia de Covid-19, onde podemos verificar uma postura viciosa que potencializou o negacionismo e prejudicou a aceitação de protocolos organizados e orientados com base em processos científicos (DE ARAUJO e EICHLER, 2022).

Informar as pessoas leigas durante uma pandemia não seria uma tarefa fácil nem mesmo em condições ideais, porém, na sociedade atual, a distribuição e aperfeiçoamento dos mecanismos



por trás das *Fake News* potencializa as dificuldades e os obstáculos desse processo. Mesmo com diversos estudos demonstrando que as recomendações por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS) e demais órgãos responsáveis eram coerentes diante da situação, grupos conservadores lidaram com desdém e incentivaram a disseminação de narrativas fantasiosas e desconectadas dos estudos recentes (CAMARGO JR e COELI, 2020).

Conforme Andrade e Cavalcanti (2022), a cibercultura é responsável por revolucionar os meios de comunicação e permitir que as informações sejam compartilhadas e visualizadas pela população de maneira geral. Isso nos leva a situação em que o emissor muitas vezes não é identificado e a distância entre o observador e aquele que emite a notícia a ser verificada seja imensurável, pois não é possível identificar muitas vezes a origem, sobretudo em redes de comunicação como o *WhatsApp*.

Sob a perspectiva dos vícios epistêmicos, isso nos leva aos dilemas apresentados por Salatiel (2020) em reflexão aos textos de Cassam (2016, 2018, 2019), tal como o autor, iremos aqui considerar uma situação hipotética: Um cidadão recebe uma notícia que descreve em seu chamado: “Vacinas contra a covid-19: CUIDADO! Riscos e problemas ao se vacinar - você pode virar um jacaré”<sup>3</sup>

Ao receber essa informação, automaticamente compartilha em 3 grupos diferentes em seu *WhatsApp* - Qual a responsabilidade de quem compartilha? Qual a responsabilidade de quem criou a notícia? Qual o papel do vício epistêmico nisso?

Na situação acima, podemos considerar que ao produzir uma informação como essa, o criador não se preocupou com as consequências de sua ação, talvez por arrogância, covardia ou até mesmo ingenuidade, tal como o cidadão que ao receber a notícia, prontamente compartilha com seus canais de comunicação mais próximo, podendo ser pelos mesmos motivos supracitados.

---

<sup>3</sup> Apesar de fictício, o exemplo acima tem como base uma *Fake News* real espalhada e que teve um impacto negativo, sobretudo para povos indígenas que carregam consigo um conjunto de crenças e contos antigos. Conforme notícia: “*Fake News* sobre vacina deixam indígenas com medo de virar jacaré mostra documento.” Acesso em: <11nq.com/2QWpD>



Para Cassam, todas as características que levaram ambos a agir de tal forma, a assumir tal postura, são viciosas (CASSAM, 2018), pois estão gerando um obstáculo para a obtenção do conhecimento e compreensão da realidade (SALATIEL, 2020).

A obstrução do conhecimento é uma das principais características da indiferença epistêmica, pois a despreocupação com os fatos e a manipulação deles, levam a ações cada vez mais automatizadas e viciosas, podendo assim, dar força ao obscurantismo e potencializar as *Fake News* e outros obstáculos que rodeiam o processo de aprender e assimilar na Sociedade da Ignorância. Mais além, discutiremos ainda a culpabilidade e responsabilidade diante desses atos e posturas.

No contexto escolar, deve-se compreender que lidamos com seres que estão desenvolvendo seus conhecimentos básicos e que apesar de terem nascido em uma sociedade conectada, talvez não tenham a capacidade de discernir entre as milhares de informações, cada vez mais rápidas e curtas que têm acesso. Se é possível visualizar posturas viciosas e atreladas a indiferença epistêmica, por parte de médicos, cientistas e políticos, o que esperar dos jovens e adolescentes ainda em idade escolar? Como esperar uma postura diferente em sala de aula?

#### *Problemas atuais – Da suposição à conspiração: O panorama atual*

Antes de nos direcionarmos para a discussão na escola, compreenderemos onde a indiferença epistêmica tem se manifestado na sociedade de maneira geral. Segundo Mackenzie e Bhat (2020), podemos identificar essa relação entre as notícias falsas e a indiferença epistêmica com facilidade ao observar as ações de pessoas que utilizam estratégias falaciosas para gerar uma dúvida a respeito de um conhecimento factual.

No campo político, Cassam (2018) analisa que a partir de decisões políticas podemos ter evidências de um vício epistêmico, Por exemplo, Latour (2020) destaca a eleição de Donald Trump em 2016 como fundamental para as investigações dos fenômenos associados às questões

científicas, em específico as climáticas e de negação as teorias científicas no antropoceno, uma vez que nunca havíamos discutido tanto sobre o assunto.

No Brasil, as primeiras *Fake News* da era digital teriam sido também relacionadas à política. As eleições de 2018 foram marcadas por diversas notícias falsas e mecanismos de disseminação das mesmas (ANGST e BOGLER, 2019). Antes disso, em 2014, já havíamos enfrentado ainda que em menores proporções o uso de narrativas em meios de comunicação em massa para manipular um grupo de eleitores (RUEDIGER, et al. 2018). Os impactos desses movimentos foram imensuráveis no ramo político, chegando a ser decisivo também em processos científicos e tecnológicos, e as posturas assumidas no Brasil durante o seu período eleitoral, tiveram como consequências um crescimento de grupos de manipulação e compartilhamento de informações falsas que atualmente são investigados no país (DOURADO, 2020).

No meio científico, as principais negações são atreladas a antigas teorias da conspiração, como por exemplo o formato da Terra. Se a teoria da Terra plana, por exemplo, poderia ser inofensiva em um primeiro momento, o retorno à negação das vacinas demonstraria algo real e fatal na atualidade, induzindo pessoas a um caminho perverso e perigoso. Esse caminho já foi vivenciado pela ciência durante muito tempo, ao desenvolver vacinas e tratamentos novos, cada pesquisador sofreu ataques e ameaças durante seu trabalho, como Silva et al. (2022) comenta em um apanhado histórico sobre a negação das vacinas ao longo dos tempos.

Durante anos pressupomos o questionar como parte importante do método científico, a grande questão é que essas pequenas brechas que fazem parte da reflexão científica, se tornaram um campo de oportunidades para pessoas mal-intencionadas levantarem teorias conspiracionistas e obscurantistas, vide a ideia de que as vacinas contra a Covid-19 estariam sendo financiadas por Bill Gattes, a fim de implantar microchips nas pessoas (BLACKBURN, 2021).

O cientificismo é muitas vezes utilizado para reforçar essas teorias, que analisam o processo científico e inserem em suas narrativas partes semelhantes aos de dados científicos, porém sem conexão com a realidade. Entende-se por cientificismo a crença de que tudo carrega o nome de





“ciência” nos leva apenas a verdades absolutas e imutáveis (BAPTISTA, 2020). Essa estratégia é muito eficaz na captação de novos seguidores e adeptos aos negacionistas atuais, tal como ocorrido após a implementação da vacina tríplice no Brasil, onde aconteceu uma associação indevida entre o autismo e o ato vacinal à época. As pessoas tentavam boicotar a vacinação, pois a informação partia de um artigo científico publicado, o que deu base para as discussões se expandirem. Mesmo havendo uma retratação publicada pelos próprios autores após o erro, os danos já tinham sido causados (SILVA et al. 2022).

Muitos foram os casos de preocupação com a aceitação de conhecimentos básicos e ajudariam as pessoas a compreenderem sistemas mais complexos como o desenvolvimento de vacinas e medicamentos. Em 1998, Daniel Dennet refletia sobre o porquê as pessoas não aceitavam a teoria da evolução, mesmo diante dos diversos avanços e verificações nos estudos e conhecimentos produzidos à época. O autor relata que parte dessa negação se dava por medo dos impactos que a aceitação de uma teoria como essa teria nas crenças das pessoas, uma vez que algumas concepções da teoria iriam de encontro com dogmas religiosos que valorizaram a noção de que o ser humano era especial diante dos demais. Dennet (1998) descreve sua esperança de que um dia aceitaremos a teoria da evolução tal como aceitamos um dia o formato da Terra, sua localização no universo e sua composição.

Em contraponto ao que esperava Dennet (1998), hoje lidamos com terraplanistas associados à grupos extremistas, que seguem não só a convicção de que a terra é plana, mas reforçam a ideia de contato extraterrestre e ainda uma proposição conspiratória a respeito de como a verdade será revelada em breve (MARTINS, 2018). O autor ainda demonstra a correlação entre os grupos terraplanistas e extremistas religiosos, inúmeras vezes percebendo proselitismo cristão em suas falas e exposições teóricas, em suma, por ingenuidade ou ignorância, pessoas presas num ciclo vicioso que limita a possibilidade do conhecer (CASSAM, 2018).

Entre as negações, ainda haveria aquelas relacionadas ao nosso atual período planetário, que pode ser chamado de antropoceno, por exemplo, Latour (2020) reforça a discussão sobre a relação direta entre os problemas climáticos e o antropoceno, destacando a imensa produção de



resíduos desse período. Em dados concretos publicados na revista *Nature* em 2021, podemos identificar que a massa antropogênica ultrapassou a biomassa, ou seja, há mais material produzido pelo homem do que pessoas no mundo. Desconsiderar essa relação, é criar obstáculos para o entendimento dos problemas climáticos e do impacto ambiental causado pela ação humana, assumir essa postura, é na sociedade da ignorância um sinal da indiferença epistêmica em ação.

Aqui tratamos apenas de alguns casos de negacionismo e vale ressaltar o papel das redes sociais e da cibercultura nesse processo. Na atualidade, é impossível desconectar-se do mundo digital com conexões e disseminação de informações muito maiores em relação aos períodos citados aqui e relatados por Silva et, al. (2022), como na revolta da vacina ou na associação das vacinas ao autismo. Atualmente, lidamos com a mesma negação vacinal com a Covid-19, conectando mesmo que sem nexos a vacina a fenômenos muitas vezes absurdos e irreais (LOPES, 2021).

Cassam (2016, 2018 e 2019) vai discutir a responsabilidade do agente gerador e reprodutor dessas *Fake News*, uma vez que ainda em uma ação involuntária, por conter um vício epistêmico, sua postura é prejudicial ao processo de entendimento.

Sendo assim, prejudica e cria obstáculos à aprendizagem e aos seus processos, seja na sala de aula ou em espaços não formais da educação. Para além, o perfil dos sujeitos também deve ser investigado, pois o autor destaca que não dá somente para assumir que o conspirador seja alguém distante de nós, como apenas um lunático, louco ou estúpido - apesar de Blackburn (2021) não ver por que não o fazer, uma vez que grande parte das notícias e conspirações partem de grupos exatamente com essas características e devem ser responsabilizados por suas posturas.

Talvez Cassam tal como Arendt (1963/2003), não queira distanciar a indiferença epistêmica do ser comum, pois para cada manipulador dotado da malevolência epistêmica, quantos reprodutores ingênuos estão presentes? Cassam (2021) ainda reflete sobre o fato de acusar os outros de uma atitude viciosa, reiterando o cuidado e os processos para tal, curiosamente, ele





se refere nesse texto também a questão vacinal, talvez na atualidade seja onde podemos encontrar a maior discrepância entre a realidade e a conspiração.

Na sociedade da ignorância, as redes sociais e suas conexões têm um poder de destruição muito maior do que o de construção. Apesar de muitos produtores de conteúdos científicos ocuparem esses espaços hoje, o público jovem, sobretudo aqueles em idade escolar, tendem a acessar com maior frequência e facilidade as informações na internet (CITELLI, 2021), gerando obstáculos para os diálogos em sala de aula, sobretudo para o ensino de ciências, que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deve ter ainda no Ensino Fundamental:

[...] um compromisso com o desenvolvimento do letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo (natural, social e tecnológico), mas também de transformá-lo com base nos aportes teóricos e processuais das ciências. Em outras palavras, apreender ciência não é a finalidade última do letramento, mas, sim, o desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, importante ao exercício pleno da cidadania. (BRASIL, 2018, p.321).

Além do trecho citado, que entra diretamente em conflito com as questões de negação comentada por Latour (2018), inúmeras outras habilidades e competências presentes no documento entram em atrito com questões negadas e negligenciadas através da indiferença epistêmica. Para tanto, necessitamos pensar em estratégias de lidar com as *Fake News* e a indiferença epistêmico no Ensino Básico, em especial pensando que o jovem não pode ser desconectado de sua realidade ou da sociedade em que vive, e considerando o exposto até aqui, o desafio de ensinar na sociedade da ignorância não é uma tarefa fácil.

#### *Uma perspectiva educacional: Como o Brasil lida com as Fake News no ensino básico*

O documento que atualmente regulamenta o ensino básico no Brasil é a base nacional comum curricular (BNCC) e nela, há poucas menções às temáticas relacionadas às *Fake News* e a negação à ciência. Em uma busca utilizando o termo “FAKE NEWS” - identificamos apenas quatro citações, em destaque principalmente na área de linguagens, o que gera uma certa preocupação logo de início, pois o documento conta com 600 páginas e regulamenta todas as



áreas do conhecimento propostas no Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM). Abaixo podemos verificar o primeiro trecho em que se comenta:

[...]Aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. No primeiro campo, os gêneros jornalísticos – informativos e opinativos – e os publicitários são privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística-midiática. A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de fake news, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas [...]BNCC, língua portuguesa no ensino fundamental – anos finais: práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades. 2018. - Grifo nosso. (BRASIL, 2018, p.136).

Nesse trecho podemos fazer alguns destaques positivos, o primeiro deles fica por conta da reflexão e direcionamento atual da linguagem, pois comenta sobre aspectos comportamentais presentes na vida dos jovens e adolescentes. Por se tratar de uma orientação geral para o EF, caso sejam fornecidas as condições ideais, para que os professores abordem essas temáticas, teríamos um bom caminho para a batalha contra as fakes e os vícios epistêmicos. Vale ressaltar que essas condições geralmente não acontecem.

Ainda na área de linguagens, mas agora no EM, encontramos mais uma menção ao termo diante das orientações gerais para a área, em uma reflexão sobre os gêneros possíveis e sobre as produções dos estudantes com base na realidade o termo aparece novamente da seguinte forma:

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (fake news), de pós-verdades, do cyberbullying e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (BRASIL, 2018, p.488).

Nesse momento, iniciamos o destaque para o termo “TDIC” apresentado no documento, as tecnologias digitais de informação e comunicação aparecem em vários momentos na BNCC,



com sugestão de utilização em aula, como ferramentas de ensino, mas também com orientações acerca do preparo dos jovens para utilização das mesmas. Apesar de poucas menções ao termo Fake News na BNCC, ficando apenas na área de linguagens, Francesco e Leone (2020) ressaltam que a BNCC sugere uma disciplina chamada jornalismo-midiático, onde seriam discutidas várias questões relacionadas a como se informar e produzir reflexões diante da realidade. Entre as habilidades e competências desse componente identificamos:

(EM13LP39) Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (fake news). (BRASIL, 2018, p.521).

(EM13LP40) Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de fake news e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos –, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem. (BRASIL, 2018, p.521).

Diante dessas menções, portanto, encontramos consonância com a proposta pensada por Santos e Miranda (2020) para preparar jovens leitores críticos, assim eles estarão prontos para identificar pontos de atenção nas notícias recebidas, ou seja, elementos que indiquem uma possível falsificação ou manipulação de dados. Os autores ainda destacam alguns casos durante a campanha presidencial de 2018, em que várias notícias falsas circularam, não menos absurdas dos que os casos já comentados aqui, mas que em poucos passos poderiam ser falseadas e assim evitar um prejuízo aqueles atingidos pelas *Fake News*.

Os autores supracitados, destacam 3 agências que foram criadas para auxiliar a investigação de *Fake News* na internet, e sugerem que os educadores podem utilizá-las para mediar situações em sala de aula, como quando um estudante apresenta uma *Fake News* como alternativa a um contexto real. São elas: Boatos.org; E-farsas; Agência Lupa;

Lima et al. (2022) em uma proposta pensada para o 5º ano e direcionada conforme a BNCC, dispõe o relato de que a partir da problematização, as crianças conseguem analisar criticamente as informações apresentadas, fazendo assim suas reflexões e construindo o processo de

verificação como uma rotina e ao aprender a ler de forma crítica, prepara os jovens para lutar contra a barbárie e a disseminação do ódio, um papel da escola extremamente necessário em tempos como o que passamos.

Mesmo que apareça principalmente como sugestão na área de linguagens na BNCC e tenha destaque em estratégias para as Ciências da Natureza, a temática ainda é necessária dentro da área de Ciências Humanas. Assis (2020) relata em seu trabalho a imensa dificuldade de se trabalhar conceitos e fatos históricos diante de uma sociedade que manipula e incompreende que esses conhecimentos não apenas baseados em impressões e relatos opinativos

Apesar das notícias falsas atingirem boa parte da sociedade, Cardoso (2021) destaca que entre os jovens, por estarem também no que ele chama de “idade do imediatismo”, as notícias se espalham rápido e são aceitas com facilidade. O que dificulta a compreensão de que o conhecimento passa por um processo mais complexo do que simplesmente ter uma resposta pronta e definida, infinita e imutável, tal qual uma visão cientificista (BAPTISTA, 2020). A indiferença epistêmica, portanto, pode ser também difundido melhor pelos jovens, uma vez que exige uma postura de indiferença em relação aos conhecimentos produzidos anteriormente, e independe da idade ou razão a culpabilidade do agente gerador ou reproduzidor de informações falsas que gerem obstrução ao conhecimento tem que ser considerada (BLACKBURN, 2021; MACKENZIE; BHATT, 2020; CASSAM, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há ainda um longo caminho para trilhar diante de todos os problemas e obstruções gerados pela atitude da indiferença epistêmica. A disseminação de Fake News e a aceitação de teorias da conspiração tendem a crescer diante do avanço tecnológico, uma vez que sua distribuição é facilitada e seu alcance é maior, o que é agravado diante imediatismo gerado pela sociedade da ignorância. Na educação básica o desafio é ainda maior, uma vez que lidar diretamente com jovens e adolescentes que hoje se informam e compartilham informações integralmente pelas



redes sociais torna o entendimento do processo educacional ainda mais distante da realidade desse grupo.

Ao notar que a BNCC já traz sugestões e ideias para trabalhar questões como as Fake News e o processo midiático no período em que estamos passando, conseguimos vislumbrar ao longe uma esperança de que no futuro podemos pensar em um projeto maior que possa ajudar os estudantes a criarem barreiras para se defender das inúmeras informações falsas e atrativas que são expostos. Claro que entre o que a BNCC apresenta e a realidade oferecida para os professores há uma distância imensa, mas nos trabalhos expostos aqui, também podemos notar o movimento de professores e pesquisadores para elaborar e executar estratégias eficientes para o preparo dos estudantes.

O letramento científico é um dos pilares no processo de educação digital na cibercultura presente na sociedade da ignorância, demonstrar que se informar não é conhecer, que opinar não é resolver e que ciência se faz com um método, um processo, que não é absoluto, mas é necessário. Talvez a solução seja pensar em conjunto, não isolado entre áreas, mas se o vício epistêmico está presente em diversas áreas da sociedade e amplifica fenômenos como as Fake News que atinge todos os educadores de todas as áreas do conhecimento, precisamos direcionar nossos esforços em criar novas estratégias envolvendo as Ciências da Natureza, as Humanas, a Linguagens e a Matemática, para que daqui um tempo, possamos discutir novamente sobre a sociedade do conhecimento e não mais a sociedade da ignorância.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Adolfo; CALVACANTI, Lara. Escudos contra Fake News. **Interritórios - Revista de Educação**, V.8, n.16, 2022.

ANGST, Flávia Holz; BOGLER, Carolina Marcelli. Fake news: a influência nas eleições norte-americanas e as medidas preventivas norteadoras das eleições brasileiras de 2018. **(Re) pensando Direito**. Santo Ângelo/RS, v. 9, n. 17, p. 259-274, 2019.



ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal.** (Tradução de Ana Corrêa da Silva). Coimbra: Tenacitas, 2003 [versão original de 1963].

ASSIS, Romulo Fernandes. **As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História.** Dissertação (Ensino de História) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, PUCRio. Rio de Janeiro, p.124. 2020.

Blackburn S. Conspiracy Theories by Quassim Cassam: Polity Press, 2021. **Society**, p.135-137, 2021 2 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8161711/> Acesso: 08/08/2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BUNGE, M. **Dicionário de Filosofia.** (Tradução de Gita K. Guinsburg). São Paulo: Perspectivas, 2002.

BURCH, Sally et al. Sociedade da informação/sociedade do conhecimento. In Ambrosi, A.; Peugeot, V.; Pimenta, D. Desafios das palavras. **Ed. VECAM**, p. 01, 2005.

BREY, Antoni; CAMPÀS, Joan; MAYOS SOLSONA, Gonçal. **La sociedad de la ignorancia y otros ensayos.** Barcelona: Infonomia, 2009.

CARDOSO, Tarcísio; ANJOS, Mateus. Obstruções do conhecimento: uma introdução à teoria dos vícios epistêmicos de quassim cassam. In XVII Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2021, Salvador. **Anais eletrônicos**, UFBA. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult/wp-content/uploads/2021/10/V2-ANAIS-XVII-ENECULT.pdf>> Acesso em: 08/08/2022. .

CARDOSO, Davi Valois. O impacto das “fake news” na educação dos jovens do brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 6, p. 614-625, 2021.

CARVALHO, Eros Moreira de. Teorias da conspiração: por que algumas não valem um caracol. **Perspectiva filosófica.** Recife, PE. Vol. 48, n. 2 (2021), p. 340-357, 2021.

CASSAM, Quassim. Epistemic insouciance. **Journal of Philosophical Research**, 2018.

CASSAM, Quassim. **Conspiracy theories.** John Wiley & Sons, 2019.

CASSAM, Quassim. Misunderstanding vaccine hesitancy: A case study in epistemic injustice. **Educational Philosophy and Theory**, p. 1-15, 2021.





CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: dinâmicas midiáticas e cenários escolares. 1. ed. Ilheus: UESC, 2021. 235 p. v. 7. ISBN 978-65-8621-337-9

DE ARAUJO CRUZ, Viviane Xavier; EICHLER, Marcelo Leandro. COVID-19 e necropolítica no Distrito Federal no período de fevereiro de 2020 a junho de 2021: quem morre quando um governo decide que a liberdade é mais importante que a vida?. **Revista Thema**, v. 21, n. 3, p. 653-677, 2022.

DE ARAUJO, Luiz Guilherme Luchio; EICHLER, Marcelo Leandro. O descaso epistêmico diante da pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Thema**, v. 21, n. 1, p. 174-189, 2022.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. 2020.

BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Do cientificismo ao diálogo intercultural na formação do professor e ensino de ciências. **Interacções**, v. 10, n. 31, 2014.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira et al. Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 16, 2021.

FRANCESCO, Nayara Nascimento; LEONE, Simone Delago. 1. Educação Midiática contra "fake news". **Revista Científica UMC**, v. 5, n. 1, 2020.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Penso Editora, 2016.

KUTTER, Ana Paula Zandonai; EICHLER, Marcelo Leandro. **Um labirinto chamado “sociedade do conhecimento”: a liberdade na experimentação ou à beira da agorafobia?** 2017. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?: como se orientar politicamente no antropoceno**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

LOPES, Carlos Renato. A biopolítica do risco e o discurso negacionista sobre vacinação contra Covid-19. **Porto das Letras**, v. 7, n. 2, p. 103-117, 2021.

MACKENZIE, Alison; BHATT, Ibrar. Lies, bullshit and fake news: Some epistemological concerns. **Postdigital Science and Education**, v. 2, n. 1, p. 9-13, 2020.

MALINI, Fábio et al. Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

MARTINS, Leonardo. Extremistas religiosos, terraplanistas, alienígenas e além: a dinâmica da espiral ascendente de complexidade na formação de crenças e experiências contraintuitivas. **Numen**, v. 21, n. 2, 2018.



RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Amaro; GUEDES, Ana Lúcia. Robôs, redes sociais e política no Brasil: análise de interferências de perfis automatizados de 2014. **FGV**, 2018.

SANTOS, Maria Celça Ferreira dos; MIRANDA, Cícero Anastácio Araújo de. **Proposta de formação de leitores críticos para o combate às fake news**. 2020.

SILVA, Annita Ingrid Alves; DE SIQUEIRA, Julio Gomes; DE SIQUEIRA, Celia Gomes. Vacinas: história, negacionismo, 'fake news' e a Covid-19 no Brasil hoje. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 35200-35217, 2022.

VEIGA, I. P. A. As dimensões do processo didático na ação docente. In: ROMANOWSKY, Joana P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. (Org.). **XII ENDIPE - Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 57-81.

WINCHUAR, Marcio José; BAHLS, Diego Paiva; ZANLORENZI, Maria Josélia. A escola e o ensino de leitura em tempos de fake news: uma proposta para os anos iniciais do ensino fundamental. **Debates em Educação**, v. 14, n. 34, p. 154-173, 2022.

YIN, Robert K. et al. **Design and methods. Case study research**, v. 3, n. 9.2, 2003.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.